

TERMINOLOGIAS DA REALITER:
CONTRIBUTOS PARA POLÍTICAS DE LÍNGUAS

Manuel Célio Conceição
Universidade do Algarve/
Centro de Linguística da
Universidade Nova de Lisboa

A gestão social da informação é um dos traços constitutivos da livre circulação e das relações entre os estados, os povos, as línguas. A língua, na sua atualização discursiva contextualizada, é o espelho, sob forma verbal (sonora ou gráfica) da informação, do conhecimento expresso sob a forma de unidades/sequências denominativas codificadas correspondentes a unidades de cognição. Dessas unidades e da sua existência na interação comunicativa se ocupa a terminologia.

A rapidez de circulação dos saberes, a mobilidade de falantes e de bens, as situações de comunicação em contexto multilingue e as relações de poder entre as línguas (associadas a preconceitos e a representações que merecem discussão) ostentam a problemática da relação entre a terminologia e a diversidade linguística e questionam os métodos do trabalho terminológico e a própria criação terminológica. Estamos longe do tempo em que o trabalho terminológico era essencialmente monolinguê, quer no que respeita à criação de termos, quer no que concerne ao seu levantamento e à sua descrição. *Grosso modo*, apenas era multilingue quando concorria para a elaboração de terminologias multilingues em que se privilegiava a relação (preferencialmente biunívoca) entre denominações de línguas diferentes, como sempre foi o caso da utilização da terminologia para a tradução. Face às alterações decorrentes das especificidades acima referidas, exceptuando casos específicos próximos da necessidade de normalização terminológica, o trabalho terminológico é, nestes tempos, frequentemente multilingue. Ainda que o seu intuito seja um produto terminológico / terminográfico monolinguê, deve o terminólogo usar, nem que seja como referência, *corpora* de várias línguas. No seio de um *corpus*

monolingue, encontram-se ainda assim vestígios de outras línguas, sendo o resultado de empréstimos, nas suas diferentes formas, resultantes do contacto de línguas.

Tratamos, por isso, neste texto a relação entre terminologias e políticas de língua, aqui concebidas como conjuntos de decisões sobre a gestão das línguas em contexto de diversidade e de contacto. Focar-se-á especificamente o trabalho desenvolvido no âmbito da Rede Panlatina de Terminologia – REALITER.

A atividade que se desenvolve nos mais variados domínios do conhecimento e esferas de atividade carece de códigos linguísticos e comunicativos de aceitação praticamente universal entre os seus intervenientes. Seja verbalizada apenas numa língua ou em várias, essa atividade necessita de conceitos estabelecidos ou em curso de estabelecimento (embora mutáveis e de passível organização multidimensional) e de denominações para os nomear que estejam associadas a significados compreendidos, que os interlocutores possam reconhecer, pelo menos parcialmente. É, por isso, indispensável que a atividade terminológica assuma a função reguladora, harmonizadora e, em alguns casos, normalizadora dos aspetos cognitivos, linguísticos e comunicativo acima referidos que permitem a verbalização / a textualização do conhecimento. Tal é feito mediante análise criteriosa da natureza linguística do termo (fonética, morfossintática e semântica) e da sua relação com a natureza conceptual do mesmo. No processo de estabelecimento (*in vivo* ou *in vitro*, de forma pontual ou sistemática) de terminologias, é o terminólogo permanentemente exposto à necessidade de escolha, por exemplo, de formas ou de grafias. É muito frequente, num *corpus*, um mesmo conceito ter mais do que uma denominação numa língua, ocorrerem denominações em línguas diferentes ou até denominações apenas em língua estrangeira, sendo que, obviamente, nos textos em línguas românicas a maior quantidade destas formas é em inglês.

Foi para afirmar a capacidade denominativa das línguas românicas, para evitar as perdas de domínio e para salvaguardar a diversidade linguística, entre outros, que, há vinte anos, foi criada a Rede Panlatina de Terminologia – REALITER. A rede é constituída por membros representantes de universidades ou de instituições estatais que têm o pelouro da normalização linguística e/ou a tradução institucional. Os resultados do seu trabalho têm, portanto, impactos diferenciados em função dos

autores, da sua natureza institucional e da respetiva capacidade de divulgação/implementação. São normalmente impactos ao nível micro, no seio da respetiva instituição, ao nível meso, o da comunidade restrita e muito raramente ao nível macro, de que são exemplos os casos dos impactos dos trabalhos inseridos em grandes bases de dados como os de: TERMCAT, Office de la Langue Française du Québec ou Bureau de la Traduction du Governo do Canadá. Só nestes casos existe poder para regular o uso terminológico. Em todos os outros, o impacto é limitado ao estatuto de proposta do uso preferencial que resulta de aturado trabalho terminológico.

As relações de poder entre estados e comunidades são visíveis nos usos das respetivas línguas e não é novidade referir que a língua inglesa exerce uma pressão muito significativa sobre as outras línguas em muitas partes do mundo e, em particular no espaço geocultural privilegiado das línguas românicas, a saber: a Europa ocidental, o Canadá e toda a América do Sul. Sob pretextos de modernidade, de internacionalização e de facilidade de comunicação, na comunicação profissional, técnica e científica o inglês é sempre a língua privilegiada e, é, por isso, imperioso manter ativa a produção terminológica nas línguas românicas. Os léxicos REALITER, também designados por léxicos panlatinos, pretendem assumir essa função. Trata-se de listas de termos de domínios específicos em todas as línguas românicas que incluem, normalmente, os equivalentes ingleses com o estatuto de elemento referência.

Estes léxicos atestam uma abordagem da terminologia no quadro das necessidades comunicativas e evidenciam, mediante marcas geoletais, usos em algumas das variedades de cada língua, em particular das línguas policêntricas como o português, o francês e o espanhol. Pode, portanto, dizer-se que dão mostra das situações geo e sociolinguística e também permitem aceder a parâmetros caracterizadores das situações de interação comunicativa emergentes de contatos de línguas, por darem conta dos usos de estrangeirismos em coocorrência ou em substituição de termos nas diferentes línguas românicas. Sendo o maior número destas formas anglicismos, revelam também estes léxicos a questão da presença e da influência inglês em grande parte dos domínios, sobretudo a variedade designada *língua franca*. Ainda que esta designação não corresponda à designação etimológica nem tenha relação constitutiva com a *lingua franca* original (a do mercantilismo medieval no mediterrâneo), o uso deste termo banalizou-se como designando língua

de comunicação internacional. Se a *língua franca* do mediterrâneo era constituída a partir de um conjunto de formas das línguas primeiras dos diferentes falantes que a usavam, tal não se verifica com esta variedade do inglês, pois não acolhe (ou raramente) acolhe formas de outras línguas, sendo a sua permissividade a essas línguas quase nula mas impondo-se a elas.

Em suma, podemos dizer que os léxicos terminológicos REALITER visam a circulação de informação no respeito pela diversidade linguística, e assumem um estatuto de incentivo para o uso de termos nas línguas românicas e para a função reguladora da comunicação.

O léxico das línguas latinas é o resultado das mudanças e variações linguísticas que o estrato latino (ele próprio constituído por diferentes estratos) estabeleceu ao longo dos séculos com línguas da românia e com outras línguas com as quais foi contactando. Reconhecem-se estruturas específicas a conjuntos de línguas latinas e a cada uma delas em particular. A matriz morfossintática comum, visível, por exemplo, no conjunto dos formantes de origem greco-latina, dá origem a formas semelhantes em cada uma das línguas, sendo que as relações entre os respetivos significados podem não ter igual grau de semelhança e o mesmo se pode verificar na relação que estabelecem com os conceitos que denominam. A referida matriz não é, ainda assim, cerceadora da diversidade entre as terminologias das diferentes línguas. Cerceador é, sim, o recurso a denominações em inglês (com mais ou menos adaptação) praticado, em graus diferenciados, por estas línguas, sendo levado ao expoente máximo nos casos em que a forma emprestada assume traços significativos e conceptuais diferenciados dos que tinha e mantém na origem¹.

A organização sociopolítica e económica de dependências e a supremacia dos modelos anglo-saxónicos na ciência, na técnica, na economia têm sido motores constitutivos da globalização e propícios para a pressão que exerce o inglês sobre as outras línguas. As alterações provocadas na relação espaço / tempo e a circulação dos seus conteúdos de forma instantânea e global promovem a inserção de conceitos em sistemas conceptuais relativos a cada uma das línguas e, por conseguinte, também das denominações. A transferência de informação entre níveis de especialização e as correspondentes textualizações da denominação atribuem, no entanto, traços

¹ Vejam-se exemplos em Conceição (2011).

linguísticos específicos no seio de cada língua. As denominações escolhidas ou usadas em cada uma das línguas são, portanto, a evidência do respeito, pela diversidade linguística e do multilinguismo ou o testemunho da uniformização e da escalada de perda de domínio que é sempre um atentado à vida e à vitalidade de cada uma das línguas. Disto é exemplo o que se passa no domínio da economia financeira, em que o vocabulário associado à gestão da crise económica tem, nos últimos anos, sido sistematicamente importado do inglês² e isso verifica-se nos diferentes níveis de especialização³.

A análise acima referida, que incidiu sobre processos denominativos /discursivos, (re)formulados para comunidades linguísticas diferentes e sobre processos denominativos/discursivos (re)formulados para uma mesma esfera de atividade, mostrou, entre outros, exemplos da relação entre as línguas e consequências dos respetivos contactos, de que se relembram casos concretos. As ocorrências do termos *stress test*, *hedge funds* ou *subprime* atestam-se em todas as línguas na forma original. O paradigma denominativo de classificação das entidades financeiras em função do cumprimento das suas obrigações, constituído a partir de *white list/ gray list /black list* foi também atestado em todas as línguas na sua forma traduzida⁴. Um

² Este fenómeno não é exclusivo das línguas românicas. Matsuh (2009) demonstrou-o na análise que fez da criação neológica em russo e em ucraniano.

³ Para fins de análise terminológica comparativa de dados (Conceição, 2009), constituímos *corpora* deste domínio com subcorpora por níveis de especialização e em diferentes línguas românicas. No nível de especialização utilizámos textos de revistas científicas em português em francês e em espanhol. Exemplos são as revistas *Revue Économie internationale* (<http://www.cepii.fr/IE/index.asp>) e *ESICMarket - Revista internacional de economia y empresa* (http://www.esic.edu/editorial/editorial_revista_esic.php). Para um nível de menor especialização, ou mesmo de vulgarização, usamos a secção economia de jornais diários publicados em cinco dias consecutivos. Os jornais formam, para o português, *Público* (www.publico.pt), para o espanhol, *El País*, (<http://elpais.com>) para o francês, *Le Monde*, (<http://www.lemonde.fr>) para o italiano *Corriere della sera*, (<http://www.corriere.it>) e, para o romeno, *Gandul* (<http://www.gandul.info>).

⁴ *lista branca/lista cinzenta/ lista negra* (por) – *lista blanca/lista gris/ lista negra* (esp) - *liste blanche/ liste grise/ liste noire* (fr) - *lista bianca/lista grigia/ lista nera* (it) - *lista albă/lista gri/ lista neagră* (ro).

outro exemplo é o da mera tradução das denominações metafóricas, como é o caso do paraíso fiscal⁵.

Constata-se, portanto, a existência de empréstimos totais ou parciais das denominações. Uma análise mais profunda mostrou que, nestes casos, o empréstimo é total: formal, significativo e conceptual. Relevante é também a constatação do fenómeno de mimese entre as línguas, numa relação de subserviência em relação ao inglês. Fica-nos a dúvida se não se constrói uma ideia de que o facto de usar a mesma denominação possa levar à igualdade de acesso ao que é denominado. Face ao referido, não é, assim, potenciada a diversidade linguística mas constitui-se para criação de um código comum, contagiador de outras línguas, no sentido que Russo (2008) atribui ao contágio entre línguas que expõe também a vulnerabilidade de algumas em relação a outras.

Os léxicos REALITER, que atestam o atrás referido, não alterarão, *de súbito*, o estado de usos das línguas mas o facto de sistematizarem terminologias multilingues são um elemento motivador para a diferenciação e para a diversidade. Sendo multilingues mas feitos a partir de trabalho terminológico monolingue, contribuem também para limitar a inserção de formas da dita *lingua franca*. Pelo facto de serem constituídos numa ótica de terminologia textual, facilitam o acesso a textos e discursos de diferentes graus de especialização e permitem verificar a localização das denominações em função desses mesmos graus, o que permite encontrar, muito frequentemente, propostas de denominações na língua românica em apreço equivalentes da forma inglesa. Tal fenómeno deve-se ao facto de se saber que a “localização” denominativa é mais necessária em discursos com alvos de receção mais genéricos e menos especializados. Quer isto dizer que a criação neológica em níveis de vulgarização, que até é, *de facto*, usada e compreendida⁶, pode constituir-se como proposta de denominação terminológica para um determinado conceito apenas denominado em inglês nos textos de maior especialização.

⁵ Do inglês *tax haven*. Ocorre no referido corpus como *paraíso fiscal* (por), *paradis fiscal* (fr) e *paradisuri fiscal* (ro).

⁶ O uso deste participio passado remete para o conceito de unidade terminológica na ótica de Temmerman (2000) que a considera como “unit of understanding”.

Ao invés, a ocorrência uniforme de termos em inglês nas restantes línguas parece atribuir a estas unidades terminológicas um estatuto semelhante aos incoterms, designações de condições de expedição reconhecidas internacionalmente, estabelecendo as obrigações do expedidor e do destinatário. Esse estatuto coloca-as quase fora da língua, por as inserir num esquema de etiquetagem não compatível com a riqueza e possível mutação significativa e pragmáticas das unidades lexicais. Não se trata, portanto, de enriquecimento lexical mas de limitações da diversidade⁷ impostas por via da mediatização e da mundialização. Ainda que se possa argumentar que contribuem para abarcar a dimensão mundial da realidade, ajudam, na realidade, a uma perda de especificidades conceptuais e semânticas constitutiva de uma cadeia em que se perdem identidades

Na sequência do anteriormente dito, os léxicos terminológicos da REALITER, são um garante da manutenção do multilinguismo e quando revelam as semelhanças das estruturas entre as línguas latinas, dadas as formações morfossintáticas com recurso a paradigmas comuns, contribuem para a manutenção do paradigma de neologicidade nestas línguas e nos diferentes domínios. Um outro aspeto da relevância destes léxicos é a sua capacidade em divulgar a variação terminológica, pois, como acima afirmado, não pretendem ser instrumentos de normalização. Dada a distribuição geolinguística de algumas das línguas latinas, a variação distingue-se, por exemplo, por continente, sobretudo no caso do português, do espanhol e do francês, em que é necessário recensear e analisar hipóteses de denominação de ambos os lados do Atlântico⁸. Distingue-se a variação no seio do continente, sendo o melhor exemplo as terminologias nos diferentes países hispanófonos da América do Sul. Mas a variação ocorre também em contextos muito mais limitados e a atividade terminológica de REALITER permite, pela metodologia de análise e de decisão, ter

⁷ Exemplo desta limitação é o denominado *greenspeak*.

⁸ REALITER ainda não tem contributos do português fora de Portugal e do Brasil. Deverá ser equacionado o alargamento da sua atividade aos países africanos de língua portuguesa, a Timor e a Macau. A mesma lacuna se verifica, por exemplo, em relação à informação oriunda de países/comunidades francófonos africanos ou asiáticos. É também necessário não esquecer que a desterritorialização das línguas deverá levar a considerar variantes e variações terminológicas produzidas em contextos até aqui não considerados (ex. terminologias produzidas/usadas em contextos de migração).

em conta várias hipóteses de denominação por forma a propor a ou as que são mais adequadas. Isto, respeitando critérios de harmonização consentâneos com cada domínio e com os especialistas consultados.

Tome-se como exemplo a terminologia das redes sociais. A elaboração de uma terminologia das redes sociais foi proposta pelo TERM-CAT e o trabalho está praticamente concluído. Na elaboração da componente corresponde ao português europeu⁹ foram detetados vários problemas relacionados com a variação. O primeiro exemplo é um caso de variação denominativa diafásica, em que após recurso a uma análise da dimensão discursiva de *plug-in* e de *módulo de extensão*, se constatou uma oscilação denominativa entre a oralidade e a escrita, respetivamente. *Plug-in* é a forma que mais ocorre na oralidade, *módulo de extensão* apenas aparece em textos escritos. Registaram-se, por isso, as duas denominações. Um outro exemplo pode ser o da busca de equivalência de *conference group*. Atestaram-se algumas ocorrências de *grupo de conferência* mas, após análise de contextos deste termo na língua de partida e da sua denominação apresentada como sinonímica *newsgroup*, e de contextos em português, optou-se por propor *grupo de discussão/fórum de discussão*; o que também faz a IATE¹⁰. Neste domínio, dada a ainda relativa instabilidade conceptual e denominativa, é frequente a atividade conducente a um léxico REALITER ser obrigada a propor neologismos em português. Na verdade, os utilizadores das redes sociais contentam-se com o uso das formas em inglês mas no corpus constituído para esta análise, constata-se propostas de equivalentes em português, por vezes expressas sob forma modalizada em que o seu autor parece ter algum receio de não uso exclusivo da forma inglesa. *Gestor de comunidades* e *gerente de comunidades* ocorrem com equivalentes de *community manager*. A nossa proposta foi a de manter *gestor de comunidades*, por a função deste ator ser a de um gestor e não a de um gerente. A unidade *gerente* foi inicialmente reservada para a equivalência do termo *content curator*, *gerente de conteúdos*. A definição proposta no material de partida

⁹ A componente relativa ao português europeu foi elaborada, sob minha coordenação, por Joana Venâncio e João Romão, no âmbito da unidade curricular de Terminologia e Comunicação, licenciatura em Línguas e Comunicação, Universidade do Algarve. Os exemplos aqui citados relativamente à variação foram retirados, com a devida autorização do autor, de um trabalho de análise terminológica feito por João Romão.

¹⁰ Base terminológica multilingue da União Europeia (<http://iate.europa.eu/>)

fornecido pelo coordenador do projeto (TERMCAT) era “*Persona encarregada de buscar, seleccionar, organitzar i compartir informació en una comunitat virtual*”). Não obstante, após consulta de especialistas do domínio, preferiu-se manter analogia com outras línguas e incluir o equivalente *responsável de conteúdos*.

Os exemplos acima, retirados de trabalhos feitos com o objetivo de descrição da língua portuguesa para cumprir os desideratos dos projetos REALITER, mostram como estes léxicos terminológicos são atos de política linguística, quer na sua conceção quer no impacto que almejam. Ainda assim, e enaltecendo o passado muito rico desta rede no que respeita a diversidade linguística e a terminologia, para o seu indubitável promissor futuro carece a metodologia de trabalho de alguma revisão. Esta necessidade corresponde à alteração epistemológica da área e às alterações das necessidades comunicativas das comunidades, assim como dos meios, essencialmente tecnológicos, que estão hoje disponíveis e que eram impensáveis há alguns anos quando se redigiram os princípios metodológicos de REALITER (que foram percursores em seu tempo). A alteração deve ser feita numa ótica de maior impacto / maior uso dos léxicos REALITER, dando resposta a necessidades comunicativas de natureza imediata. O maior impacto, a maior visibilidade, contribuirão, também, para a consciencialização de produtores e de utilizadores e esse é o primeiro passo de qualquer política linguística e de qualquer plano de promoção e de respeito da diversidade linguística.

É verdade que muitos dos trabalhos de REALITER têm servido para alimentar bancos terminológicos, pelo que a sua utilização não é mensurável mas também se deve referir que, nesses casos, o seu conteúdo (que pouco mais é que listas de equivalentes entre línguas) é complementado com toda a informação semântica e conceptual a que se acede pelos processos estruturantes e remissivos desses bancos. Os outros produtos REALITER, têm tido impactos relativos por serem demasiado estáticos e não interagiram com outras aplicações ou outros recursos de gestão de dados linguísticos, terminológicos e comunicativos. Um dos impactos é o seu possível uso para preparação de tarefas de formação na intercompreensão, outro é o de consulta para esclarecimento de dúvidas. A REALITER produziu mais de vinte léxicos, o que corresponde a um tratamento de pouco mais de quatro mil termos com equivalentes nas diferentes línguas (e variantes de línguas, sempre que possível).

Na evolução da sua atividade, a rede deverá analisar hipóteses que lhe permitam não se limitar a uma abordagem meramente estrutural das línguas, devendo rever a tipologia da informação que os seus trabalhos disponibilizam de forma a que seja de

utilização direta e automática na comunicação multilingue, que ultrapasse a aceção aditiva deste multilinguismo e que é o que até aqui tem sido feito. É preciso reforçar a forma de se cumprir o que se diz sobre acessibilidade nos *Princípios metodológicos*, aprovados em 1995 e revistos em 2000, a saber: “o utilizador deve poder rapidamente encontrar a terminologia apropriada às suas necessidades e adaptada ao nível e à situação de comunicação”. Tal não é possível com os léxicos existentes. O mesmo acontece com o princípio de fiabilidade, exarado nos mesmo documento estruturante da rede, ou seja, é imperioso incluir informação sobre os meios profissionais aos quais os léxicos de destinam. Neste caso, os mesmos já têm alguma informação patente na marcação geolinguística. Carecem, portanto, da maior especificação da informação pragmática-comunicativa e de informação contextual e discursiva, assim como de informação sobre níveis de conceptualização / especialização. Estes elementos, além da mais valia comunicativa que representam também servem de dados para validação do conhecimento verbalizado e para a aceitação de todo o processo na comunidade científica. Têm, por isso, efeito na facilitação da circulação do conhecimento, na sua instanciação e legitimação social e cultural. Só com maior quantidade de informação linguística e sociolinguística e sociocomunicativa se pode realçar a diversidade linguística intra e interlinguística.

As alterações aqui referidas, que reiteram o papel da terminologia enquanto instrumento de concretização das políticas de línguas, dão ênfase à sua abordagem conceptual no quadro da comunicação especializada e permitem que sob a forma de um descentramento metalinguístico (Conceição, 2012) se aceda com maior propriedade à granularidade conceptual (Berthoud, 2011) que fundamente escolhas linguísticas mais apropriadas para as denominações e respetivos significados. Os léxicos panlatinos REALITER contribuirão, então, para que sejam revistas as relações de poder entre a chamada *lingua franca* e as línguas românicas, e para a queda de muros entre comunidades discursivas caracterizadas pelos níveis de especialização e para que se evitem as “linguistites¹¹”.

¹¹ Tradução de “linguistitis”, designação usada por Høy (2012) para se referir a falta de conhecimentos e de competências linguísticos para o exercício da profissão (neste casos de médicos na Dinamarca),

Referências

- Berthoud, A. C. et alii, (ed.), *Plurilinguismes et construction des savoirs*, P. U. de Lausanne, Lausanne 2011
- Conceição, M. C., “Comunicação especializada em economia internacional: multilinguismo ou “língua”franca”, *Comunicação apresentada na V Jornada científica da REALITER- Terminologia e plurilinguismo na economia internacional*, Universidade do Sacro Cuore, Milão 2009
- Conceição, M. C., “Lexicologie et terminologie face aux défis de la communication multilingue”, *Passeurs de mots, passeurs d’espoir: lexicologie, terminologie et traduction face au défi de la diversité*, Agence Universitaire de la Francophonie, Paris, 2011, pp. 557-565
- Conceição, M. C., “Terminologia médica e assimetrias na comunicação”, *Atas do colóquio internacional de terminologia médica*, (no prelo), Lisboa, 2012
- Høy, A., “Linguistitis medical terminology, the case of medical students ”, Elkin, P. (ed.), *Terminology and terminological systems*, Springer, Londres 2012
- Matush, S., *Neologismos por empréstimo na imprensa portuguesa, ucraniana e russa*, Dissertação de Mestrado em Linguística, FCHS, Universidade do Algarve, Faro, 2009
- Russo, A., “Vulnerabilidad y contagion en ellenguagje de la economía”, *Traducción: contacto y contagio, Actas del III Congreso "El Español, language de traducción*, Esletra, Bruxelas, 2008, pp. 117 a 134
- Temmerman, R., *Towards newways of terminology description: the sociocognitive approach*, John Benjamins, Amsterdão, 2000.